

Desconstruindo o Racismo à Brasileira

por Ugo Soares



Nascido em Salvador, Bahia, mas Juizforano de coração, **Ugo Soares** é jornalista, cineasta e produtor cultural. À frente Associação Cultural CineFanon, tem promovido eventos culturais e formativos na cidade, como o Festicidi e a Escola de Audiovisual da Periferia; projetos em prol da diversidade e da democratização do acesso aos meios de produção e consumo cultural.

Em seu célebre artigo intitulado ‘Racismo e Cultura’, Frantz Fanon trata de mostrar como o racismo se manifesta através de mecanismos culturais e como a cultura pode ser tanto um instrumento de opressão quanto uma ferramenta de libertação. Ao analisar a relação entre racismo e cultura, Fanon contribui para uma compreensão mais profunda das raízes do racismo e para a construção de estratégias de luta contra essa forma de opressão que assola a humanidade. Fanon nos mostra como o colonialismo constrói uma imagem negativa e estereotipada dos povos colonizados, o que, para o colonizador, justificaria a dominação e a exploração do ‘outro’.

O livro ‘Nossas Riquezas Pretas – biografias afro-juizforanas’ se constitui como um antídoto, fármaco para a proteção e cura deste pavoroso mal que é o racismo, na medida em que propaga e valoriza a imagem da negritude. O preconceito e a discriminação atingem todas as camadas da sociedade, não somente a das principais vítimas, os não brancos. O estado de revolta e violência desencadeado pelo preconceito acaba por contaminar e desestruturar toda a comunidade. Sociedades racistas geralmente são sociedades desiguais, e, invariavelmente, sociedades violentas e inseguras. O racismo não se limita à violência física, mas também se manifesta através de uma violência simbólica que atinge a identidade e a autoestima de suas vítimas, o colonizado.

Fanon nos mostra como a cultura pode ser utilizada como uma ferramenta de resistência contra o colonialismo, permitindo aos colonizados a afirmação de sua identidade e consequentemente a construção de um futuro autônomo. Através de sua relativamente curta e densa obra, Fanon, que era médico psiquiatra, nos convida a uma profunda

reflexão para a compreensão do racismo, bem como trata de apontar caminhos para o enfrentamento ao mesmo. Para o doutor Fanon a emancipação dos povos oprimidos viria, principalmente, a partir da descolonização, não apenas dos territórios, mas também das mentes humanas.

Segundo Fanon, a internalização do racismo na mente do negro, imposto pelo branco, dificultaria a construção de uma união genuína e eficaz. Gerando assim traumas e neuroses, principalmente na pessoa negra-oprimida, mas também no branco-opressor. Como exemplo, nada melhor que a célebre frase do também médico e intelectual pernambucano Josué de Castro, que ironicamente afirma que: “metade da humanidade não come; e a outra metade não dorme, com medo da que não come”.

Mas ora, e onde estaria o ‘ethos’ dessa internalização que comprimiu o negro a desfazer e a afastar-se de si mesmo em troca do salvador desejo de assimilação da cultura do embranquecimento, algo realisticamente impossível de se alcançar, portanto gerador de neurose e adoecimento? Acreditamos que tal fatalidade se dê pelo fato de ser exitosa a construção de um rígido sistema de dominação dos meios de produção, tanto material quanto intelectual, pela branquitude hegemônica, que acabou conquistando o ‘direito’ de impor sua imagem e semelhança como modelo padrão.

Para o sucesso e manutenção desta empreitada, não consolidada – em disputa até hoje, era preciso ter como principal objetivo a total aniquilação e destruição dos meios de resistência do adversário, que deveria se submeter pacífica e incondicionalmente à vontade de seus algozes. As tentativas, estratégias, estratagemas, foram muitas, e estão aí até hoje, como o apagamento cultural e deslegitimação da história e contribuição do povo negro para a formação do espaço geográfico ao qual chamamos Brasil.

Falar de ‘Nossas Riquezas Pretas – biografias afro-juizforanas’, é falar de como Alexandre Müller Hill Maestrini certamente, em sua obra, corrige o fluxo errático da história local, do antigo povoado de Santo Antônio do Paraibuna. Sociedade erigida a partir das ruínas, da falência e decadência da mineração no grande centro provençal mineiro, e que veio a se tornar potência e esplendor décadas depois; inicialmente às custas da monocultura cafeeira, subsequentemente consolidada pelo desenvolvimento industrial proveniente do capital externo. Ao trazer à baila as biografias de 54 Personalidades Negras de Juiz de Fora, elevando-as a local de destaque, o escritor Alexandre ressignifica o conceito de riqueza, redistribui e devolve os louros e a devida honra a quem é de direito.

Em sua obra, o autor, dando um salto quântico de mais de 150 anos na história, migrando do macabro mundo que prospera da servidão escravista nas lavouras cafeeiras da Zona da Mata, a partir da segunda metade do século XIX, para se situar na hoje quarta maior cidade do Estado de Minas Gerais, faz justiça ao publicizar e louvar o trabalho e a trajetória de dezenas de mulheres e homens negras e negros. Seres humanos que, com o árduo suor extraído de seus músculos e da seiva criadora de seu intelecto, tal como seus antepassados, continuam a gerar riquezas materiais e imateriais contribuintes para o avanço desta cidade.

Com a publicação deste livro, bem sabemos, ainda não conseguiremos erradicar o secular e dissimulado ‘racismo à brasileira’, mas a obra se constitui como uma significativa contribuição e um largo passo nesta direção, visto que ela chama a atenção da sociedade para uma nova narrativa, além de mexer com os brios das personagens, reconhecendo a atuação e elevando a autoestima de mulheres negras e homens negros que, motivadas e motivados, terão muito mais força para fazer o bom combate frente as sistematizações e manifestações do racismo na atualidade.

Contudo, apesar dos notáveis avanços, ainda há muito que ser feito, basta olharmos para as prisões, marquises das calçadas ou nos debruçarmos sobre os dados relativos aos índices de desenvolvimento econômico e humano para percebermos a abissal lacuna econômica e social interposta entre a população negra e a branca de Juiz de Fora e do Brasil, mas receber uma obra como esta é um bom alento para a tomada de fôlego necessária para continuarmos a luta.

Para se combater o racismo, de maneira concreta e eficaz, acreditamos que seja necessário o engajamento e o envolvimento de todas e todos, negras, negros e não negros, e a utilização de todas as armas e mecanismos disponíveis para o enfrentamento. Porém, paralelo e para além de nos ocuparmos exclusivamente em estabelecermos cruzadas formuladoras de Leis e aparatos legais de punição e coibição, embora estas sejam extremamente necessárias, secundariamente ao diálogo, cremos encontrar um caminho mais viável através da promoção de uma educação humanística e emancipadora (no sentido de se emancipar o sujeito do pré-conceito para experienciar a coisa de fato). Um percurso que leve o ser humano a desenvolver profundamente o sentimento de empatia pelos outros seres.

A partir desta perspectiva precisaríamos rever muito do que hoje está aí, posto como verdadeiro, principalmente o que nos contam nossos mitos fundantes e nossos livros de história. Seria preciso recontar a história de muitas coisas. Este livro de Alexandre contribui com esta vontade, ele narra a história de vidas humanas, da identidade de um

povo que na maioria das vezes teve sua voz negada ou negligenciada, mas que mesmo assim nunca se deixou ser silenciado por uma historiografia oficial redigida pelos de 'cima', escrita à revelia e sem o enunciar das vítimas, daqueles e daquelas que literalmente sofreram na pele e na consciência o ardor e o trauma causado pela infâmia da escravidão e do racismo.

Seguramente podemos afirmar que Alexandre, em 'Nossas Riquezas Pretas – biografias afro-juizforanas', visionariamente, desnuda uma verdade inconveniente tão bem articulada e protegida pela secular e escravocrata sociedade juizforana. A cada passar de página da obra e, ao adentrar cada vez mais no riquíssimo e diverso mundo particular de cada personagem, torna-se cada vez mais cristalino que a verdadeira riqueza desta cidade nunca se encontrou no negrume do valioso grão de café, que, após a predecessora torra, seria conduzido à exportação, mas sim na negra cor da pele de dezenas, centenas, milhares de homens e mulheres que com seu suor e seu sangue ajudaram a gerar riquezas e consolidar o processo de urbanização civilizacional deste município, bem como da própria Zona da Mata, região que um dia chegou a ser a maior produtora de café do Estado de Minas Gerais.

O livro em destaque, antes de tudo e mais nada, é um convite à reflexão a respeito da questão racial local e à valorização e reconhecimento da história e percurso do povo negro. Sobretudo uma convocação ao leitor para enfileirar-se nas tropas de combate ao racismo, tornando assim a cidade, o país e o mundo um local mais pacífico e agradável para todas e todos conviverem, independente das diferenças que os caracterizam. Ou seja, um convite para a preservação e valorização daquilo que há de mais valioso no planeta, a sua diversidade.